

GRAMÁTICA E ENSINO: O VERBO SOB UMA ÓTICA NÃO CONCATENATIVA

Vítor de Moura Vivas (IFRJ)
vitor.vivas@ifrj.edu.br

Através de um *corpus* de verbos elaborado através de dicionários eletrônicos, de um breviário de conjugação verbal, de canais de *youtube* e de exemplos encontrados por meio de busca na *internet* nos mais diversos sites, verificamos que os casos de mutação vocálica no radical do verbo não são meras exceções, não constituem casos improdutivos na língua; pelo contrário, há regularidades nessas modificações vocálicas, que devem ser estudadas e sistematizadas (VIVAS, 2011, GONÇALVES, 2011). No português, é produtiva a indicação de conteúdos gramaticais através de modificações no radical. Assim, muitas vezes, os falantes realizam padrões de fusão, mesmo em desacordo com a norma culta, para indicar determinado conteúdo. Como exemplos desses casos produtivos, podemos citar a abertura vocálica em ‘r(ó)ba’, ‘est(ó)ra’ e ‘f(é)cha’ para informar presente; a utilização de vogal alta em ‘tr(u)xe’, ‘c(u)be’ e ‘s(u)be’ indicando primeira pessoa do singular e a realização de vogal média em ‘v(é)ve’, div(é)de, que expressa terceira pessoa do singular. Abordamos a regularidade de mudanças vocálicas e de outras modificações no radical através de Bybee (1985, 2010). Consideramos ser fundamental abordar esses padrões de morfologia não concatenativa nas aulas de português do Ensino Médio, Assim, utilizando aportes teóricos de ensino (FRANCHI, 2006; BASSO; PIRES DE OLIVEIRA, 2012; VIEIRA, 2018, QUAREZEMIN, 2017; VIVAS, 2021), apresentamos uma metodologia para a abordagem do fenômeno entendendo o aluno como cientista, considerando a variação e refletindo sobre o fenômeno de modo coerente com a descrição linguística.

Palavras-chave:
Ensino. Morfologia. Verbo.